



Cooperadores da Verdade

Carta aos
irmãos
MAIO 2024

O nosso Santo Padre propôs-nos um elevado ideal: chegar a ser “cooperadores da Verdade”. Identificamo-nos com esse nome, que é proposto por Calasanz para definir a nossa identidade. Claro que esse nome não é só nosso. Por exemplo, o próprio Papa Bento XVI utilizou-o no seu lema episcopal, embora sem o adjetivo “idôneo” ou “autêntico” que Calasanz sempre colocou antes dele. Mas, embora não seja só nosso, é absolutamente nosso, e deve ajudar-nos a compreender-nos, a apresentar-nos e a caminhar em direção ao ideal proposto pelo fundador.

Esse nome se encontra no terceiro parágrafo do Proêmio que Calasanz escreve para apresentar suas Constituições. É bom ler todo o Proêmio para compreender a intenção do fundador, e é fundamental situar a proposta calasância no contexto desse terceiro parágrafo. Nele, Calasanz nos apresenta uma das contribuições mais fecundas e inspiradoras, como fundador, do que é a identidade escolápia: **somos “cooperadores da Verdade”**. Somos cooperadores da missão de Cristo, cooperadores do Evangelho. Colaboramos com o Senhor. Sem dúvida, inspirado no versículo 8 da terceira carta de João (o elogio de Gaio), Calasanz nos dá um novo nome, que define muito essencialmente o que somos e estamos chamados a ser.

1. COOPERADORES DA VERDADE

“Verdade” ou “verdade”? As traduções que usamos apresentam as duas versões de forma intercambiável: Verdade com letra maiúscula (referindo-se a Cristo) e verdade com letra minúscula. Vivemos e anunciamos a verdade (a mensagem

profundamente humanizadora e realizadora do Evangelho, aquela verdade que nos liberta¹), na fidelidade à Verdade.

Anunciamos a palavra em fidelidade à Palavra. É, por isso, que a nossa proposta educativa nunca pode diminuir a mensagem d'Aquele que nos envia.

As chaves a partir das quais Calasanz nos propõe ser “cooperadores da Verdade” são igualmente interessantes. São três características muito sugestivas.

1. A primeira é muito própria de Calasanz, muito de acordo com a sua alma: só com **humildade**, podemos ser o que queremos ser. A humildade que Calasanz propõe não é apenas um traço de caráter, um traço da personalidade de cada pessoa. É uma atitude espiritual, profundamente espiritual, porque se baseia na convicção de que não somos dignos do chamado do Senhor ou da vocação recebida.
2. Isso fica claro nesta segunda característica: **só Deus pode transformar-nos** em cooperadores da Verdade. Dele devemos esperar a ajuda de que necessitamos, os meios necessários. A iniciativa é de Deus, a missão é de Deus, e só, desde seu amor, podemos responder, só com a ajuda de Deus. Essa convicção de Calasanz, compreendida pelo fundador a partir de uma profunda vida de oração, ilumina a nossa vocação. É verdade que devemos formar-nos para a nossa missão e que todos os meios saudáveis de formação e aprendizagem que utilizarmos nos ajudarão na nossa tarefa, mas há algo mais fundamental: nos tornaremos autênticos escolápios a partir de uma experiência sincera e honesta da nossa relação espiritual com o Senhor, do nosso sentimento de envio e da nossa compreensão de que só, a partir dessa experiência de fé, podemos ser Escolápios.
3. E a terceira característica interessante é a forma como Calasanz apresenta a nossa identidade: **“tornar-se”**. A tradução proposta pelas nossas Constituições atuais diz *“transformai-nos em autênticos*

cooperadores da Verdade”. Ou seja, estamos diante de uma tarefa que dura a vida toda. Não passamos a possuir identidade plena; a procuramos, a rezamos e a trabalhamos, dando passos, pouco a pouco, nesse processo de transformação. Dia após dia, todos os dias, até o fim.

Essa forma de compreender a vocação é muito valiosa e exigente para cada um de nós: estamos a caminho e esse caminho dura a vida toda. Penso que devemos recordar novamente o *valor transformador da vida quotidiana, do dia a dia*, do sentido de fidelidade com que fazemos as coisas, da experiência quotidiana da comunidade, da missão, da oração, da formação. Somos o resultado do nosso dia a dia e é, nesse dia a dia, que configuramos a nossa identidade mais profunda.

2. A MESSE FERTILÍSSIMA

Junto com essas características da definição do Escolápio como “Cooperador da Verdade”, Calasanz destaca a magnitude do empreendimento ao qual o Senhor nos enviou: estamos diante de uma messe fertilíssima. É um superlativo, daqueles que Calasanz gosta de usar para realçar o seu pensamento. As ressonâncias de Mt 9, 37-38 são claras. O contexto dessa afirmação calasância é, portanto, claramente vocacional. Há muito trabalho, muita necessidade de trabalhadores para a colheita, muitos filhos sem ninguém que os acompanhe no seu caminho, sem ninguém que os ajude a crescer, sem ninguém que lhes ofereça o pão da fé e da educação.

Essa é a nossa missão e, nesse campo, somos enviados por Deus para trabalhar: a educação evangelizadora das crianças e dos jovens, especialmente dos mais pobres. É um campo infinito e inesgotável. O texto evangélico que inspira Calasanz nos lembra que devemos pedir ao Senhor que envie novos trabalhadores para a sua colheita.

Não creio que seja forçar o texto afirmar que o trabalho vocacional, o esforço para permitir que o chamado de Deus chegue ao coração dos jovens para se tornarem um dia, se Deus quiser, escolápios, está na base dessa mensagem do fundador.

Essa é a razão pela qual creio que devemos convencer-nos de que as Escolas Pias, que não

¹ Jo 8, 32: “Permanecei fiéis às minhas palavras e assim sereis meus discípulos. Vós conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.”

são um fim em si mesmas, e sim, um instrumento do Reino, e muito valioso. Às vezes, esquecemos que trabalhar pela construção da Ordem e fazê-lo nesse aspecto essencial, como a incorporação de novos jovens que queiram dar a vida como religiosos e sacerdotes escolápios é uma maneira formidável de fazer com que as Escolas Pias possam continuar oferecendo a sua contribuição para a promoção do Reino de Deus.

Acredito que estamos diante de um desafio espiritual, um desafio que tem a ver com a nossa forma de compreender a nossa vocação. Tirar todas as consequências dessa forma de pensar torna-se um caminho muito rico de discernimento e enriquecimento da nossa forma de viver, trabalhar e decidir. Devemos fazer com que esta “*espiritualidade de construção de Escolas Pias*” permeie todas as facetas da nossa vida. E devemos fazê-lo por motivos missionários, porque não há nada mais apostólico do que o chamado para ser apóstolos.

É fundamental ter consciência de que construímos Escolas Pias com muita gente. Com as Fraternidades, com quem partilhamos a Missão, com aqueles que se identificam com Calasanz, com tantos colaboradores. Sentir-se “construindo com os outros” nos ajuda a nos situar.

3. AS CONSTITUIÇÕES

Por fim, Calasanz diz-nos que chegou à conclusão de que tudo o que nasce nas Escolas Pias deve ser consolidado e dotado de uma estrutura e de uma organização que garanta a sua durabilidade. O fundador usa o verbo “**cimentar**”. Quer segurar, definir, especificar, acompanhar, garantir a fidelidade e a autenticidade da vida.

A missão é tão grande, o que Deus inspira na nossa alma é tão importante, que devemos proporcionar-lhe uma estabilidade duradoura. Por isso, precisamos de Constituições, um documento claro que explique, e o faça de forma precisa e normativa, o que somos chamados a viver.

Na verdade, o “Breve (documento) fundacional²” já encarrega a Calasanz que

prepare as Constituições. Na consciência eclesial, está muito claro que um carisma deve ser organizado para ser fecundo e duradouro. E foi assim que Calasanz entendeu. As Constituições expressam o carisma e o modo de vida e missão que o fundador deseja para os seus filhos, mas sempre condicionado pelo contexto e pela cultura do momento em que são feitos. Isso não é apenas normal, mas é bom e saudável. Mas, há momentos históricos em que a Igreja, que é depositária dos carismas, entende que existem condições tão novas que devemos rever o que foi consolidado num determinado momento. E foi isso que aconteceu depois do Concílio Vaticano II. As nossas atuais Constituições têm uma dinâmica de profunda estabilidade, bem como uma formidável capacidade de nos desafiar. Esse é o valor das Constituições.

Há um desafio que temos pendente: o desenvolvimento de uma “*cultura constitucional*”. Acredito que a Ordem está em processo de compreendê-lo e desenvolvê-lo. Mas, ainda há um longo caminho a percorrer. Essa “*cultura constitucional*” envolve um conhecimento mais profundo do texto e dos seus destaques, para desenvolver gradualmente uma “*cultura de Ordem*” que permita viver, com autenticidade crescente, o que as Constituições propõem.

Em todos os retiros espirituais que estou realizando com os religiosos jovens ao longo da Visita Geral que estamos realizando, aparece o desafio de aprofundar as Constituições, de forma pessoal e comunitária. Acho que estamos diante de uma oportunidade que devemos saber desenvolver.

Gostaria de colocar dois pequenos exemplos, dos muitos que podemos analisar, que podem nos ajudar a compreender a necessidade que temos de desenvolver uma “*cultura constitucional*”.

O primeiro tem a ver com a vida comunitária. Vejamos, por exemplo, as “*reuniões comunitárias*”. As Constituições propõem estes objetivos aos nossos encontros comunitários: construir comunidades autênticas; o discernimento das grandes questões; o desenvolvimento da corresponsabilidade e da ação comum; nossa capacidade de rever o que

² J.M. LESAGA, M.A. ASIAIN, J.M. LECEA: “Documentos fundadores”. Edições Calasâncias, Salamanca 1979,

vivenciamos e melhorá-lo³. Contudo, em muitas comunidades, esta mediação tão importante de “construir a fraternidade escolápia” não é cuidada. Não necessitamos de um processo de aprendizagem da vida comunitária, para desenvolver -culturalmente- a nossa dimensão de vida em comum? É apenas um exemplo do que significa desenvolver uma “cultura constitucional”.

O segundo exemplo que desejo citar é a reflexão oferecida pelas Constituições sobre a formação dos religiosos escolápios. A leitura desses parágrafos é muito esclarecedora para compreender o grande desafio da Formação Inicial. De modo especial, as nossas Constituições nos aproximam do perfil do formador e das chaves a partir das quais devemos compreender o processo formativo⁴.

O desafio proposto por Calasanz a todos os seus filhos é forte e claro, é motivador e profundamente renovador: “tornar-se autênticos Cooperadores da Verdade”. Cuidemos e vivamos essa forma de compreender a nossa identidade e a nossa missão.

Recebam um abraço fraterno.

Padre Pedro Aguado, Sch.P.
Padre Geral

³ Constituições das Escolas Pias 32, 134, 165 e 167.

⁴ Constituições das Escolas Pias 104 e 107.